

Arte contemporânea na Educação Infantil

um relato de experiência

Resumo: A arte contemporânea cada vez mais vem ganhando espaço dentro da Educação, principalmente, na Educação Infantil, pois, por meio de imagens, das obras e dos objetos dos artistas contemporâneos é possível desenvolver com as crianças experiências corporais, motoras, sensoriais (estésicas), estéticas, afetivas, cognitivas, sociais e culturais. Diante do exposto, o presente trabalho refere-se a uma experiência vivenciada a partir da disciplina Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil, na Universidade Federal do Espírito Santo — UFES. A pesquisa teve como *locus* um Centro Municipal de Educação Infantil — CMEI, localizado no município de Vitória/ES, e, como objetivo, explorar a arte contemporânea por meio de experimentações e de diferentes materiais, incentivando a ludicidade e a criatividade performática das crianças. A metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa e lançou mão da participação dos envolvidos, a criança e o professor, que dialogaram tanto no espaço externo da escola, quanto dentro do laboratório de artes. O projeto pedagógico teve como tema “O que cabe no meu mundo? O encanto e encontro com a arte da Lygia Clark” e contou com a participação de 18 crianças de 5 anos de idade. Como resultado, observamos a interatividade das crianças com o objeto e o espaço, além do brincar entre elas. A experimentação proposta alcançou todas as expectativas, ou seja, as crianças, brincando, aprenderam novos conceitos voltados para a arte, assim, vivenciaram, perceberam, sentiram e visualizaram o espaço ao entorno delas de uma forma lúdica, sensível e criativa.

Palavras-chave: Educação Infantil. Arte Contemporânea. Experimentação.

Contemporary art in early childhood education

an experience report

Abstract: Contemporary art is increasingly gaining ground in Education, especially in Early Childhood Education, because through the works and objects of contemporary artists it is possible to develop with children bodily experience motor, sensory (esthetic), aesthetic, affective, cognitive, social and cultural. Given the above, the present work refers to an experience lived from the Supervised Internship course of Art Teaching in Early Childhood Education at the Federal University of Espírito Santo - UFES. The research had as locus a Municipal Center for Child Education – CMEI, located in the city of Vitória/ES, which aims to

explore contemporary art through experiments and different materials, encouraging playfulness and performance creativity in children. The research methodology is qualitative, of the type of participatory research, with dialogues between the child and the teacher, both outside the school and inside the arts laboratory. The theme of the pedagogical project was “What fits in my world? The enchantment and encounter with Lygia's Clark art”, with the participation of 18 5-year-old children. As a result, we observed the interactivity of children with the object and space, in addition to playing with each other. The proposed experiment reached all expectations, in which children playing, learned new concepts focused on art, experiencing, perceiving, feeling and visualizing the space around them in a playful, sensitive and creative way.

Keyword: Child education. Contemporary art. Experimentation.

1 introdução

A arte contemporânea não se encontra vinculada somente com a apreciação estética ou com um simples estudo de linhas, de cores, de texturas e de formas. Para Göttems (2011), o mundo da arte e da estética vem passando por diversas mudanças e o uso de novos meios e linguagens, tornando-se cada vez mais presente na produção artística contemporânea, exigindo do espectador um envolvimento estético e corporal para além da apreciação, da interpretação e das experiências.

Nesse sentido, a arte contemporânea tem ganhado espaço dentro das salas de atividades, principalmente, na Educação Infantil, pois, por meio das imagens, das obras e dos objetos dos artistas contemporâneos é possível desenvolver com as crianças experiências corporais, motoras, sensoriais (estésicas), estéticas, afetivas, cognitivas, sociais e culturais. Dentro desse contexto, torna-se fundamental oferecer oportunidades e estimular as crianças a se apropriarem de conhecimentos e de informações através de experiências que possibilitem a “vivência corporal”, ou seja, a “educação sensível através do corpo”, como afirma Paaschen (2012, p.1).

Segundo Jorge Larrosa Bondía (2012, p. 21), a experiência “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, além disso, o sujeito da experiência é aquele que está disposto a aceitar as transformações. Assim, torna-se de suma importância que as/os

professoras/es de artes oportunizem às crianças vivenciarem diversas experiências para o fortalecimento do ensino aprendizagem dentro e fora da sala de atividades.

Nessa perspectiva, o presente trabalho refere-se a uma experiência vivenciada a partir da disciplina Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil, na Universidade Federal do Espírito Santo — UFES. A pesquisa teve como *lócus* um Centro Municipal de Educação Infantil — CMEI, localizado no município de Vitória/ES, e, como objetivo geral, explorar a arte contemporânea por meio de experimentações e de diferentes materiais, incentivando a ludicidade e a criatividade performática das crianças. A temática escolhida para o projeto pedagógico, “O que cabe no meu mundo? O encanto e encontro com a arte da Lygia Clark”, teve como foco a junção entre a obra da artista e a produção do objeto a fim de proporcionar às crianças experiências com a arte contemporânea.

Este trabalho está embasado em campos de discussões conceituais, teóricos e normativos como: a importância da arte contemporânea na Educação Infantil, abordando o conceito de arte contemporânea; as bases legais da Educação, que orientam e normatizam o ensino da arte e, ainda, um trabalho sobre Lygia Clark — brincar e experimentar — no qual trouxemos um breve resumo sobre a vida da artista e suas obras, relacionando-as com as práticas pedagógicas ocorridas nas salas de atividades da Educação Infantil. Por fim, apresentamos nossas considerações, refletindo sobre um ensino da arte por meio do qual as crianças aprendem novos conceitos brincando, vivenciando, percebendo, sentindo e visualizando o espaço ao seu entorno de uma forma lúdica, sensível e criativa.

2 A importância do ensino da arte contemporânea na Educação Infantil

Hoje, diversos autores discutem o conceito da arte contemporânea e a sua importância para o meio. Danto (2006) define a arte contemporânea como o que está acontecendo agora, então, ela seria a arte produzida por contemporâneos. Por sua vez, Heinich (2014, p. 376) afirma que a arte contemporânea “[...] exige que o artista ultrapasse os limites do senso comum, não

da figuração clássica, como no caso da arte moderna, mas da própria noção de arte, desfazendo-se inclusive da exigência moderna de um vínculo entre a obra e a interioridade do artista”, isto é, o artista tem a liberdade para criar, a obra não precisa estar vinculada ao emocional, além disso, ele dispõe de novos meios para se expressar decorrentes do avanço da globalização e das novas tecnologias.

Segundo Cocchiarale (2007), muitas pessoas consideram a arte contemporânea estranha por ela se distanciar daquilo que elas compreendem sobre arte. O autor afirma que dá “[...] medo devido a sua amplitude de temáticas que se aproxima demais com experiências cotidianas do sujeito circunscrito nesse tempo” (COCCHIARALE, 2007, p. 68). E isso não é diferente dentro da sala de atividades da Educação Infantil, pois muitas/os professoras/es não se sentem à vontade em abordar a arte contemporânea com as crianças e, dessa forma, simplesmente preferem a deixar de lado devido à complexidade das temáticas.

Dentro dessa perspectiva, Rocha (2018) infere que a produção artística contemporânea encontra-se atrelada com as transformações ocorridas à sua volta e apresenta diferentes características que se aproximam e dialogam com os paradigmas vividos pelo ensino da arte. Além disso, a autora enfatiza o engessamento do ensino das artes em relação à arte contemporânea devido ao tradicionalismo e à mecanização do sistema educacional.

Entretanto, as escolas atuais perpassam por momentos de confronto com as questões do mundo contemporâneo, sendo levadas a rever suas metodologias na prática de ensino. Rocha (2018, p. 2210) enfatiza que:

As intenções dentro de um posicionamento contemporâneo em relação ao ensino da arte são diferentes do que desenvolvia na educação tradicional. De uma educação e vivência no campo da arte que era fragmentada, compartimentada, rígida, busca-se percorrer uma direção que considera o campo de incertezas que vivemos, onde se percebe uma cronologia, no qual os valores não são fechados, são relativos, onde a natureza do conhecimento é processual e a interatividade se faz presente tanto na arte, quanto na educação.

Assim, para que o ensino-aprendizagem ocorra de maneira efetiva é necessário a interação entre o/a professor/a, criança e o espaço. Permitir que a criança vivencie a experiência do seu cotidiano, o agora, o brincar e o interagir, a fim de auxiliar no seu desenvolvimento

cognitivo se torna, então, uma ação pedagógica possível e importante para ser desenvolvida pelas/os professoras/es dentro do contexto do ensino da arte.

Nas Diretrizes Curriculares para Educação Infantil — DCNEIS, no Art. 3º, o currículo é concebido como um “[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico” (BRASIL, 2009, p.1). Além de considerar que a “criança é sujeito histórico e de direitos”, garantindo as interações, as relações e as práticas cotidianas vivenciadas, a fim de construir identidade pessoal e coletiva, o ato de brincar, imaginar, fantasiar, desejar, aprender, observar, experimentar, narrar, questionar e construir sentidos “sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”. Desse modo, consideramos que a Educação Infantil é uma etapa indivisível e baseada nas brincadeiras e interações.

Para a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (BRASIL, 2017) a Educação Infantil está atrelada ao educar e ao cuidar, assim, as pré-escolas cumprem o papel de acolher as vivências e os conhecimentos prévios construídos entre a família e a comunidade com o objetivo de os articularem com as propostas pedagógicas, ampliando as experiências, os conhecimentos e as habilidades das crianças. Tendo em vista os seis eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais, às crianças devem ser garantidos os direitos de conviver, de brincar, de participar, de explorar, de se expressar e de se conhecer (BRASIL, 2017).

Destarte, este estudo focará em dois campos, o brincar e o experimentar. Sobre eles, a BNCC ressalta que:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso e produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. Expressar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 2017, p.38).

Nessa perspectiva, o ensino da arte contemporânea na Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, pois permite ao/a professor/a elaborar propostas pedagógicas criativas para a elaboração do aprendizado, além de

possibilitar vivências e experiências corporais, motoras, sensoriais (estésicas), estéticas, afetivas, cognitivas, sociais e culturais. Read (1958 *apud* Paaschen, 2012, p. 2) defende a educação através da arte e que, “[...] a constante prática artística e o contato com obras de arte estabelecem a educação da sensibilidade fundada no desenvolvimento dos cinco sentidos, pelos quais nos conectamos com a realidade”.

Dialogando com essas reflexões e normativas, estabelecemos conexões com diversos artistas contemporâneos que, em suas obras, trazem a relação do corpo e do espaço no cotidiano. Diante dessa diversificação, escolhemos a artista Lygia Clark para a elaboração da proposta pedagógica para a Educação Infantil a fim abarcar os campos em que as DCNEI (BRASIL, 2009) e a BNCC (BRASIL, 2017) orientam e normatizam.

2.1 Lygia Clark: brincar e experimentar

No Brasil, em 1959, foi lançado um movimento artístico conhecido como Neoconcretismo, no qual Lygia Clark exerce um papel fundamental como artista. Conforme Gullar et al. (2015), os Neoconcretistas buscavam novos caminhos, afirmando que a arte ia muito além das formas geométricas e que não era concebida como um mero objeto nem como uma máquina.

Para Brito (1999, p.70), os Neoconcretistas defendiam a liberdade de experimentação e o encontro de soluções próprias. A integração entre o autor, a obra e a fruição, envolvia a necessidade de recuperação das possibilidades criadoras do artista e a incorporação do observador que, ao tocar e manipular suas obras, tornava-se parte dela, ou seja, “os artistas desse movimento estavam empenhados em transformar o trabalho em um feixe de relacionamentos complexos com o observador a caminho de ser transformado em um participante”. Assim, o desejo Neoconcreto era contra a passividade, o convencionalismo, o platonismo da fruição normal, de modo a romperem naturalmente os limites tradicionais da Arte.

Dentro dessa perspectiva, Göttems (2011) enfatiza que a arte é um lugar privilegiado por ser capaz de promover experiências. A autora traz os pensamentos de Merleau-Ponty (1999)

ao afirmar que a experiência perspectiva é uma experiência corporal e que a percepção está relacionada à atitude corpórea. Além disso, pontua que:

[...] o movimento e o sentir são elementos importantes para essa percepção, a experiência vivida é habitada pelos sentidos, formas, texturas, sabores, configurando uma comunicação gestual do ato perceptivo aos sentidos atribuídos ao espectador (GÖTTEMS, 2011, p. 16).

Diante do exposto, o Neoconcretismo permite que o sujeito possa vivenciar a obra de uma forma contextual e dinâmica, sem ficar preso aos paradigmas ortodoxos das “Belas Artes”. Daí a importância de se trabalhar esse conteúdo dentro da sala de atividades, pois ele proporciona à criança vivenciar e experimentar a arte, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento sensorial, psicomotor, dentre outros.

As interações corporais e as experiências se encontram presentes nos diversos trabalhos de artistas do Neoconcretismo como: Hélio Oiticica, Lygia Pape, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Reynaldo Jardim, entre outros. No entanto, para este estudo, focaremos nos trabalhos da artista Lygia Clark.

Lygia Pimentel Lins nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais — Brasil, no dia 23 de outubro de 1920. A artista iniciou sua atividade artística num momento particular na história brasileira, pois acabávamos de sair de um contexto de guerra, a primeira guerra mundial, e a situação financeira era confortável, vivíamos um prelúdio do que seriam os anos 50, nossos “anos dourados”, um período de intensa modernização e de grande desenvolvimento cultural e artístico. Vale destacar que seus primeiros estudos, ainda no Brasil, baseavam-se na orientação de Burle Marx e Zelia Salgado, e tiveram sequência em Paris, no início dos anos 50 (ASSOCIAÇÃO CULTURAL LYGIA CLARK, 2001).

Posteriormente, Lygia participa como fundadora do Grupo Frente (1954), que se tornou muito importante para a história do movimento construtivista¹. No entanto, de acordo com a Associação Cultural Lygia Clark (2001), a artista percebeu que o desejo construtivista de integrar todas as artes, arquitetura e urbanismo estava destinado a produzir utopias, não-lugares

¹ O construtivismo na arte foi uma corrente que buscou romper com a preocupação artística tradicional em compor obras orientadas pela estética, substituindo essa ideia pela construção, combinando imagens industriais e composições geométricas. O construtivismo nas artes plásticas negava o papel decorativo da arte e enaltecia a modernidade e o uso de técnicas avançadas.

construídos para um homem inexistente e universal. Além disso, advertiu sobre a necessidade e a importância de oferecer soluções singulares aos problemas coletivos.

Nessa perspectiva, segundo a associação, a artista passa a se denominar “não artista ou propositora”, deixando de lado rótulos e as escolas e inicia uma busca para estender os limites da obra de arte, desenvolvendo experiências sensoriais em que a arte cumpriria um papel terapêutico. Lygia tinha pensamentos particulares na maneira de elaborar e de viver a arte. Em uma entrevista ela relatou:

Nunca fui considerada pintora concreta ortodoxa. Fiz parte de grupos para depois ajudar a rompê-los; o que eu queria era outra espécie de comunicação. Comecei a observar que a maneira de perceber uma obra concreta era dentro do que eu chamava de tempo mecânico. Fiquei preocupada em expressar um outro tempo que eu chamei depois de orgânico. Menos perceptivo, mas um tempo vivencial. Era como se o gráfico da visão da forma seriada dos concretos fosse percebida com o olho através deste desenho e o que eu propunha era que o olho se abrisse e que o espectador penetrasse no espaço e fosse penetrado por ele (ROLNIK, 1999, p.33 *apud* NOGUEIRA, 2010, p.72).

Diante do exposto, é possível notar que Lygia Clark se recusava a ser rotulada pelos movimentos artísticos. O importante era desenvolver a experiência sensorial e a integração do corpo entre o espaço e a obra. Segundo Nogueira (2010), esse caminho traçado por Lygia procura por um diálogo com o espectador e a absorção deste para dentro da obra. Cada trabalho, cada obra e cada expressão remetem a coisas já vivenciadas, abrindo um novo olhar em relação ao mundo e provocando novas inquietações.

Através de suas obras, podem-se desenvolver diversas práticas pedagógicas para o ensino de Artes, dentro e fora da sala de atividades da Educação Infantil, pois elas contribuem para que as crianças vivenciem experiências, mutações, experimentações, invenções e o brincar no fazer artístico.

Para Moura e Silva (2005, p.3), as atividades lúdicas podem ser recurso para o treino da funcionalidade e da independência da criança. “[...] Ser funcional, é ser prático, ou seja, realizar atividades; mover-se...Sendo assim devemos usar o que é mais importante para a criança: que é o brincar”.

De acordo com Paaschen (2012), no ato do brincar, a criança consegue transformar a materialidade do mundo através do corpo e das linguagens, formando as imagens e a sua

imaginação criadora. Sendo assim, ela vive relações de muito prazer com as diferentes materialidades, o que justifica a importância da experiência no meio artístico.

Lorenzini (2002) enfatiza que a vantagem das aprendizagens desenvolvidas através do brincar é que os enganos cometidos não são considerados erros, mas tentativas de acerto. No momento em que a criança não tem medo de errar, ela arrisca, mas é mantido o clima de descontração. A constância do prazer na atividade contribui para fixar o hábito de se estar ocupada sem ser por obrigação, mas pela atividade agradável, na qual a criança está aprendendo.

Ao analisar a criança a partir da perspectiva histórico-cultural, Góes e Lacerda (2020, p.132) afirmam que os processos de aprendizagem e de desenvolvimento trazem consigo uma variedade de processos criativos que permitirá que “[...] ela elabore e crie desenhos, pinturas e colagens, dentre outras linguagens a que tem interesse”.

Assim, compreender como ocorrem os processos de criação das crianças da Educação Infantil, ao propor atividades de Artes Visuais, ainda tem sido um grande desafio, pois esses processos nos provocam a pensar na dimensão da criatividade e da imaginação (GÓES E LACERDA, 2020). Portanto, este trabalho teve como objetivo principal desenvolver uma atividade pedagógica para o ensino infantil na turma de crianças com 5 anos em uma rede de ensino pública, abordando a obra, “Diálogo: óculos”, de Lygia Clark, a fim de envolver a experiência com o brincar.

3 O que cabe no meu mundo? O encanto e encontro com a arte da Lygia Clark

Nossa experiência se desenvolveu por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo participante, com vistas a possibilitar diálogos com as crianças por meio de atividades pedagógicas nas quais elas pudessem conhecer e refletir sobre a artista Lygia Clark e suas obras, relacionando-as ao espaço de ensino. Vale ressaltar que existem várias possibilidades de aplicação de pesquisas do tipo participativa-qualitativa e que elas podem contribuir em diversas áreas. Por exemplo, na escolar — por meio da observação, da escuta atenta e da empatia —

torna possível a aproximação entre os educadores e as crianças de uma maneira acolhedora e sensível.

A partir de um olhar integrador, o estudo desenvolveu uma atividade pedagógica com a temática “O que cabe no meu mundo? O encanto e encontro com a arte de Lygia” e contou com a participação de 18 crianças de 5 anos de idade no Centro Municipal de Educação Infantil — CMEI, localizado no município de Vitória/ES.

Nessa perspectiva, os conteúdos abordados foram: a) vida e obra da artista Lygia Clark; b) arte contemporânea (performances) e c) neoconcretismo. Assim, selecionamos uma obra da artista para ser desenvolvida juntamente com as crianças, envolvendo-as no processo de fazer, de criar, de montar e de experimentar.

Em sua produção artística, a artista Lygia Clark busca a interação humana e as dinâmicas de grupo, levando-a assim, à criação de diversos objetos que são relacionados à comunicação. “Os óculos” são exemplos desses objetos criados por ela.

O diálogo com os óculos não só afetam a visão propriamente dita, como também mudam o jeito de enxergarmos. Esses objetos são feitos a partir de óculos de mergulho que se conectam a lentes por uma sanfona de metal. A articulação das lentes feitas de espelho (com 5 cm de diâmetro) promove diversos pontos de vista, fragmentando a percepção visual do participante (Imagem 01 e 02).

Imagem 01 e 02. *Óculos de Lygia Clark.*



Dentro dessa perspectiva, intencionávamos, com nossa ação pedagógica, explorar diferentes materiais, incentivando a criatividade performática das crianças. Dentre os objetivos destacamos: conhecer a artista plástica Lygia Clark; conhecer sua obra “Diálogo: óculos”; estabelecer relações entre a obra de arte e a produção na sala de atividades; vivenciar a arte contemporânea (performances) a partir das experiências no espaço escolar; explorar diferentes espaços da escola e do entorno e sensibilizar e despertar as crianças, ampliando o universo artístico delas.

Para alcançar os objetivos elencados, foram vivenciados três momentos que serão abordados como intervenções. Vale ressaltar que, na primeira e na segunda intervenção, foram realizadas com as crianças o processo de apresentação e de construção.

Assim, na primeira, que ocorreu na sala de artes e da qual participaram de 18 crianças, solicitamos que elas se sentassem no chão para fazermos uma roda de conversa, atividade cotidiana que a professora já desenvolvia com elas.

Nesse dia, utilizamos o recurso de multimídia para conversarmos com elas sobre a artista Lygia Clark e sobre sua obra “Diálogo: óculos”. No material apresentado, as crianças visualizavam várias fotos da artista com os óculos a fim de que interagissem com o assunto abordado (Imagem 03).

Imagem 03. *Roda de Conversa.*



Fonte: Da autora

De acordo com Martins e Picosque (2008), a imagem permite diversificar a aula para torná-la mais agradável e interessante. Dessa maneira, a imagem serve de motivação, de estímulo às crianças, como algo familiar em função do apelo visual das imagens no cotidiano, o que não as torna, contudo, mais compreendidas ou significativas. Vale salientar que, após a conversa, as crianças ficaram animadas para construir os óculos e experimentá-los.

Na segunda intervenção, as crianças colocaram a mão na massa, ou seja, elas produziram seus próprios óculos. Os materiais utilizados para a confecção foram: rolos de papel higiênico, tinta guache, pincel, estrutura de óculos de festa (de plástico) e cola quente. Assim, cada criança recebeu um par de rolos de papel higiênico e, posteriormente, pincéis e tintas para pintar os rolos, conforme a criatividade de cada uma (Imagem 04, 05, 06 e 07).

Imagem 04. *Construção dos óculos.*



Fonte: Da autora

Imagem 05. *Construção dos óculos.*



Fonte: Da autora

Imagem 06. *Construção dos óculos.*



Fonte: Da autora

Imagem 07. *Construção dos óculos.*



Fonte: Da autora

Durante a confecção dos óculos, as crianças tiveram contato com diferentes materiais e experiências como usar a tinta guache sobre o rolo de papel, segurar o pincel, misturar as cores, elaborar o desenho e, principalmente, vivenciar momentos de interação entre elas. Essas

experimentações e vivências proporcionam o desenvolvimento do conhecimento por meio do corpo, dos sentidos e da imaginação.

Após a pintura dos rolos, foi possível fazer a colagem deles na estrutura dos óculos de festa (foto 08 e 09), com algumas intervenções como miçangas, linhas e arame fino, a fim de que as crianças visualizassem o espaço em torno de diferentes formas e com a interferência visual.

Imagem 08. Construção dos óculos.



Fonte: Da autora

Imagem 09. Construção dos óculos.



Fonte: Da autora

Após a confecção dos óculos, deixamo-nos reservados em cima da mesa para a terceira intervenção, o que provocou nas crianças muita curiosidade, discussão e vontade de realizar a experimentação.

Na terceira intervenção, possibilitamos, enfim, a experimentação, a vivência com o material finalizado. Nessa etapa as crianças fizeram uso dos óculos para desenhar e, posteriormente, fizeram um percurso em torno da escola, no qual várias perguntas lhes foram feitas por nós a fim de saber delas qual a sensação de andar com os óculos e de observar o que encontrassem pelo caminho com a interferência na visão.

As perguntas disparadoras realizadas foram: o que vocês estão vendo?; Dá para enxergar tudo direitinho?; Qual a sensação de usar os óculos da Lygia?; Quais são as cores das plantas?; Vocês estão gostando?; Qual é a cor do céu?; entre outras.

As respostas foram as mais diversas. Algumas crianças responderam que não estavam vendo nada de diferente, outras falaram que estava tudo escuro, tudo colorido. Ao tentarem

identificar as cores das plantas, algumas disseram que estava rosa, outras, laranja. Também foi perceptível a interação com os colegas (Imagem 10, 11, 12 e 13).

Diante do exposto, torna-se fundamental e importante proporcionar às crianças experiências diversas em seu espaço de convívio e, por meio da arte de Lygia Clark, essas vivências foram intensas. Para Göttems (2011), como sujeitos da experiência e ao estarmos expostos às mudanças, à transformação, somos envolvidos, também, num processo de aprendizagem, no qual o conhecimento adquirido não se reduz às informações, mas se torna significativo a partir do que é experimentado e das relações entre o que já se conhece e o que foi aprendido.

Imagem 10. *Experimentação dos óculos*



Fonte: Da autora

Imagem 11. *Experimentação dos óculos*



Fonte: Da autora

Imagem 12. *Experimentação dos óculos.*



Fonte: Da autora

Imagem 13. *Experimentação dos óculos.*



Fonte: Da autora

Após a experimentação realizada em torno da escola, na área externa, as crianças retornaram para a sala de artes, onde realizamos uma avaliação por meio de uma roda de conversa, na qual elas relataram as sensações e as experiências vivenciadas com os óculos.

De acordo com Andrade (1976, p. 593 *apud* Ostetto, 2011, p. 2), “[...] as crianças fazem poesia com a palavra, com os objetos, com o corpo inteiro. Elas pensam metaforicamente e expressam seu conhecimento do mundo valendo-se das muitas linguagens criadas e recriadas na cultura em que estão inseridas”. E Ostetto (2011, p. 2) complementa: “[...] A poesia, nesse caso, pode ser entendida como todo o universo da arte, sinônimo de tudo quanto é inteiro, envolvendo pensamento e sentimento, razão e emoção. Poesia é vida pulsando, imaginação e sonho fazendo-se cores, formas, sons, gestos, movimentos”.

Sendo assim, cabe ao docente, enquanto mediador de conhecimento, ter intencionalidade em suas ações pedagógicas, qualificando-as para que as crianças possam acessá-las de maneira lúdica, processual, entretanto, para que, também, ampliem seus repertórios artísticos culturais, bem como suas experiências estéticas e estésicas.

4 Considerações Finais

“O que cabe no meu mundo? O encanto e encontro com a arte da Lygia Clark” teve como foco principal a junção entre a obra da artista e a produção do objeto, assim, proporcionou-se às crianças diversas experiências inspiradas na arte contemporânea.

41

A abordagem da temática permitiu estimular nelas a percepção sensorial, ou seja, a exploração da criatividade, da crítica, do corpo com o meio e da estética. Além disso, foi possível alcançar as expectativas, possibilitando que as crianças, brincando, aprendessem novos conceitos e visualizassem o espaço em seu entorno de uma forma lúdica e diferente.

Dessa forma, chegamos ao nosso objetivo inicial, que era explorar a arte contemporânea por meio de experimentações e de diferentes materiais, incentivando a ludicidade e a criatividade performática das crianças por meio das interações e das brincadeiras, afinal, nada melhor para elas que aprender através daquilo mais gostam de fazer: brincar.

É participando das brincadeiras de faz de conta que a criança modifica os espaços, explora seu corpo, cria intervenções, interage com o outro, faz saírem os sons de diversos objetos e adquirem experiências transformadoras através da imaginação e da criatividade.

Referências

ASSOCIAÇÃO CULTURAL LYGIA CLARK. **O mundo de Lygia Clark**. Disponível em: [<http://www.lygiaclark.org.br>]. Acesso em: 22 de jul. de 2021.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi, Unicamp, Departamento de Linguística, 2002.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 dez. 2009a.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

BRITO, R. **Neocroncretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro**. São Paulo: Cosar & Naify, 1999.

CONCCHIARALE, F. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

DANTO, A. C. **Após o fim da arte – A arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

GÓES, M. S.; LACERDA, F. Processos Criativos: recorte e colagem como vetores de experiência para a elaboração de novas paisagens. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 24, p. 128-149, 2020.

GÖTTEMS, C. **Obras de arte propositivas e sensoriais: investigando a fruição e a experiência artístico-estética em situações de ensino e aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais), Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

GULLAR, F. "MANIFIESTO [NEOCONCRETO]". *Vanguardia latinoamericana*, Tomo VI, edited by Klaus Müller-Bergh and Gilberto Mendonça Telles, Frankfurt a. M., Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft, 2015, pp. 259-262. <https://doi.org/10.31819/9783964564238-048>

HEINICH, N. Práticas da arte contemporânea: Uma abordagem pragmática a um novo paradigma estético. **Sociologia & antropologia**, Rio de Janeiro, v. 04. 02, p. 373-390, 2014.

LORENZINI, M. V. **Brincando a brincadeira com a criança deficiente**. São Paulo: Manole. 2002.

MOURA, E. W.; SILVA, P. A. C. **Aspectos Clínicos e Práticos de Reabilitação**. São Paulo: Artes Médicas, 2005.

NOGUEIRA, A. C. **Lygia Clark: uma experiência de arte na vida de jovens cegos**. Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos da cultura**. São Paulo: Arte por escrito – Rizoma – Content Stuff, 2008.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. (2011) Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>> Acesso em 13 de novembro de 2019.

PAASCHEN, L. E. D. Corpo e sentidos: uma possibilidade de ensino da arte para bebês. In: SIE Seminário Internacional de Educação, 13, 2012. **Anais** v.2, 2012. Universidade Feevale – Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes – ICHLA, 2012. p. 1-6. Disponível em: <http://aplicweb.feevale.br/site/hotsite/default.asp?intIdHotSite=153&intIdSecao=5589&intIdConteudo=51543#>. Acesso em: 09 de jun. 2021.

ROCHA, J. Ensino (contemporâneo) da arte contemporânea – Semelhanças e enfrentamento entre metodologia e conteúdo. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27, 2018. **Anais** do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2208-2223.